

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS VARGINHA**

RAYANE PEREIRA BENVINDA

**A GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA NO SETOR DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PARA APARELHOS ELETRÔNICOS**

Varginha/MG
2025

RAYANE PEREIRA BENVINDA

**A GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA NO SETOR DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PARA APARELHOS ELETRÔNICOS**

Trabalho de Conclusão de PIEPEX
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Bacharela em
Ciência e Economia pela Universidade
Federal de Alfenas.

Orientador: Vinicius de Souza Moreira.

Varginha/MG
2025

RAYANE PEREIRA BENVINDA

**A GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA NO SETOR DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PARA APARELHOS ELETRÔNICOS**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de PIEPEX apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharela em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em:

Prof. Caio Cesar Maritan Cunha
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Maria Aparecida Curi
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Vinicius de Souza Moreira
Universidade Federal de Alfenas

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a gestão do capital de giro em Micro e Pequenas Empresas. Para tanto, essa pesquisa foi realizada tendo em vista a percepção de dois gestores, estes do ramo de assistência técnica para aparelhos eletrônicos (celulares, tablets, acessórios como capas de proteção, películas, dentre outros), localizados na cidade de Varginha-MG. A pesquisa, de caráter qualitativo e descritivo, utilizou a entrevista como principal instrumento de coleta de dados. Os resultados demonstraram que a gestão do capital de giro está diretamente relacionada ao perfil do gestor e à maturidade organizacional da empresa. Enquanto um dos entrevistados apresentou práticas financeiras ainda iniciantes e com pouca formalização, o outro evidenciou uma gestão estruturada, com uso de ferramentas de controle e apoio institucional. O estudo destaca a relevância de um controle eficaz do capital de giro para a saúde e longevidade das organizações, especialmente diante de um cenário econômico instável.

Palavras-chave: Capital de giro, micro e pequenas empresas, gestão empresarial, controle financeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Motor da economia brasileira	15
Figura 2 - Distribuição dos pequenos negócios por região	16
Figura 3 - Maioria dos negócios está no segmento	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1 CAPITAL DE GIRO	9
2.1.1 CONCEITO	9
2.1.2 A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL DE GIRO PARA AS EMPRESA	10
2.1.3 GESTÃO DE CAPITAL DE GIRO	11
2.2 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS	14
2.3 ESTUDO CORRELATOS	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	21
3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	22
4 RESULTADOS	23
4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS ESTUDADAS	23
4.2 GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS ESTUDADAS	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE	33

1 INTRODUÇÃO

As micro e pequenas empresas (MPEs) desempenham um papel crucial nas economias de diversos países, sendo responsáveis por uma significativa parcela da geração de empregos, produção e inovação. No Brasil, por exemplo, as MPEs representam mais de 98% do total de empresas ativas, além de contribuírem com aproximadamente 27% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (Sebrae, 2021). Tais empresas são fundamentais para o desenvolvimento social, pois geram oportunidades de trabalho, promovem a inclusão social e incentivam a dinâmica econômica, principalmente em regiões menos favorecidas, é que destaca a pesquisa feita pelo IBGE.

Apesar de sua importância, as MPEs enfrentam diversos desafios para se manterem competitivas no mercado. O fechamento dessas unidades produtivas traz consequências negativas para a economia do país, como a perda de capital de investimento, o aumento das taxas de desemprego e o aumento da inadimplência dessas empresas com outras empresas e com o próprio governo (Paula, 2008).

Um estudo do Sebrae (2016), denominado “Sobrevivência das empresas no Brasil”, apontou os principais fatores de encerramento das atividades das empresas extintas, segundo as opiniões espontâneas dos proprietários. A citada pesquisa destacou que a falta de capital de giro foi indicada, em terceiro lugar, como uma das principais razões para o fechamento das empresas, com 25% das opiniões, atrás apenas da falta de clientes (29%) e dos gastos com impostos, despesas, custos e juros (31%) (Sebrae, 2016).

O capital de giro é o recurso necessário para financiar as operações diárias de uma empresa, como pagamento de fornecedores, salários e outras despesas correntes (Sebrae, 2018). A falta de gestão eficiente desse capital pode levar a problemas de liquidez, afetando diretamente a continuidade das atividades e, muitas vezes, resultando em falência. Em estudo publicado na *Revista de Administração Contemporânea* (RAC), Braga (1989, p. 81), reforça a importância de uma gestão eficiente do capital de giro, uma vez que “[...] as concordatas e falências geralmente constituem o desfecho natural para as soluções inadequadas dos problemas de gestão do capital de giro”.

Logo, o presente trabalho teve o objetivo de compreender a gestão do capital de giro em Micro e Pequenas Empresas. Para o cumprimento da

finalidade do estudo, essa pesquisa foi realizada tendo em vista a percepção de dois gestores, estes do ramo de assistência técnica para aparelhos eletrônicos (celulares, tablets, acessórios como capas de proteção, películas, dentre outros), localizados na cidade de Varginha-MG. A escolha desse tema se deu, também, pelo interesse pessoal em compreender melhor os desafios enfrentados por micro e pequenas empresas, com o objetivo de aplicar esse conhecimento no auxílio à gestão dos negócios de familiares que atuam nesse mesmo setor.

A cidade escolhida levou em consideração o fácil acesso a esses gestores, uma vez que a pesquisadora reside e estuda no município. De acordo com os dados da Receita Federal do Brasil (RFB), do total de estabelecimentos com registro até 2024, em Varginha, 81% correspondiam a Microempresas (ME) (16.773 estabelecimentos).

Além desta introdução, este trabalho se encontra subdividido em: (i) revisão da literatura, a qual concentra o embasamento teórico sobre capital de giro, Micro e Pequenas Empresas e estudos correlacionados; (ii) procedimentos metodológicos, que explicam os procedimentos para a operacionalização da pesquisa; (iii) resultados e discussões, que trazem a apresentação e análise das informações obtidas; e (iv) as considerações finais encerrando o trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção foi discutido o conteúdo para o embasamento do tema do trabalho. Em primeiro lugar, serão abordados conceitos de capital de giro e importância do capital de giro para empresas e gestão de capital de giro. Em seguida, micro e pequenas empresas com destaque conceitual do Sebrae; Por fim, há exemplos de outros estudos que abordaram o mesmo tema.

2.1 CAPITAL DE GIRO

O capital de giro representa os recursos financeiros necessários para manter as operações diárias de uma empresa, garantindo seu funcionamento contínuo. Ele é composto basicamente pelos ativos circulantes como caixa, estoques e contas a receber que superam os passivos circulantes, como contas a pagar e despesas operacionais imediatas. Esse capital é fundamental para cobrir custos com salários, compras de mercadorias, pagamento de fornecedores e demais compromissos de curto prazo. A boa gestão do capital de giro é essencial para a saúde financeira da empresa, pois evita a necessidade de recorrer constantemente a empréstimos, além de proporcionar mais segurança no planejamento e na tomada de decisões.

2.1.1 CONCEITO

Segundo Brigham e Ehrhardt (2006, p. 837), “o termo capital de giro originou-se do velho vendedor ambulante lanque que carregava a sua carroça para, então, sair vendendo suas mercadorias”. Para os autores, aquilo (a mercadoria) que este vendedor comercializava era adquirido por meio de empréstimos com terceiros. O giro se dava quando ele conseguia fazer a venda e, a partir dela, pagar os empréstimos e obter seus lucros, isso deu origem ao que se denomina hoje de capital de giro (Brigham; Ehrhardt, 2006).

De acordo com Assaf Neto e Silva (2002, p. 14), o termo “giro” refere-se aos recursos correntes (curto prazo) da empresa, geralmente identificados como aqueles capazes de serem convertidos em caixa no prazo máximo de um ano”. De maneira mais ampla, o capital de giro corresponde aos recursos necessários para uma organização financiar suas necessidades operacionais identificadas desde a compra de matérias-primas até o recebimento pela venda do produto final (Assaf Neto; Silva, 2002).

Assaf Neto (2006, *apud* Silva, 2010, p. 165) argumenta que o Capital de Giro “(...) constitui-se no fundamento básico da avaliação do equilíbrio financeiro de uma empresa”. Através da análise de seus componentes patrimoniais são conhecidos os prazos operacionais, o volume de recursos permanentes que se encontram financiando o giro, e as necessidades de investimento operacional (Assaf Neto, 2006, *apud* Silva, 2010). Acrescenta-se, ainda, que o capital de giro é dinâmico e exige uma análise eficiente e rápida para sua avaliação, uma vez que compromete a solvência da empresa (Assaf Neto, 2006, *apud* Silva, 2010).

Segundo Brigham (1999), o capital de giro representa o investimento da empresa em ativos de curto prazo, como disponibilidades, contas a receber e estoques. Esses ativos são essenciais para sustentar as operações diárias, incluindo a aquisição de matérias-primas, o processo produtivo e a comercialização de produtos ou serviços. A gestão eficiente desses recursos é crucial para garantir a liquidez e a continuidade das atividades empresariais. Segundo Braga (1991), no artigo "Análise avançada do capital de giro" publicado na Revista Cadernos de Estudos, o capital de giro líquido (também conhecido como capital circulante líquido) é obtido pela diferença entre o ativo e o passivo circulante.

Diversos pensadores e especialistas na área de finanças empresariais têm discutido a importância e a gestão do capital de giro. Um deles é Robert Kiyosaki (1997), autor do livro “Pai Rico, Pai Pobre”, que discute, em suas publicações, a importância de entender o fluxo de caixa e o capital de giro para o sucesso financeiro das empresas e indivíduos. Ele enfatiza que a capacidade de um negócio de gerir adequadamente seu capital de giro pode ser o diferencial entre o sucesso e o fracasso. Kiyosaki argumenta, ainda, que muitas pequenas empresas falham devido à falta de planejamento financeiro e à incapacidade de gerenciar adequadamente seus recursos de curto prazo.

2.1.2 A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL DE GIRO PARA AS EMPRESAS

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) destaca a relevância do capital de giro para empresas de todos os portes e setores. Segundo o professor André Limeira, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em entrevista à Agência BNDES de Notícias (2018), o capital de giro é essencial para a saúde financeira das organizações, pois permite que elas honrem seus compromissos financeiros, independentemente de estarem

operando com lucro ou prejuízo. Ele é composto fundamentalmente por disponibilidades (caixa, bancos e aplicações de liquidez imediata), aplicações financeiras, contas a receber (clientes) e estoques. Uma gestão inadequada desse capital é frequentemente apontada como causa do insucesso dos negócios. Em outras palavras, é o dinheiro que a empresa precisa para garantir que suas operações fluam sem interrupções.

Em seus estudos, Moyer (2005) enfatiza a relação entre a liquidez da empresa e a sua capacidade de manter a continuidade das operações. O autor explica que a falta de capital de giro pode prejudicar a empresa, comprometendo o pagamento de suas obrigações de curto prazo e, conseqüentemente, sua estabilidade. O capital de giro garante que a empresa tenha dinheiro disponível para cobrir suas obrigações imediatas, como pagamentos de fornecedores, salários e custos operacionais (Mouyer, 2005). Sem um capital de giro adequado, finaliza o autor, a empresa pode enfrentar dificuldades financeiras e até mesmo parar suas operações.

Sérgio de Ludícibus (2010), um dos principais autores brasileiros na área de Contabilidade e Finanças, também aborda a gestão do capital de giro em seus livros. Ele destaca que a gestão eficiente do capital de giro é essencial para a manutenção da liquidez e rentabilidade das empresas. Ludícibus (2010) defende que a administração financeira deve focar no equilíbrio entre o capital de giro disponível e os compromissos financeiros, de forma a garantir o fluxo contínuo de operações e o crescimento sustentável da empresa. Uma empresa bem capitalizada está em uma posição mais segura para lidar com períodos de baixa nas vendas ou com crises econômicas (Ludícibus, 2010). Isso fortalece a estabilidade financeira da empresa e aumenta a confiança de investidores, fornecedores e clientes, encerra o referido autor.

Charles T. Horngren (2009), renomado autor na área de Contabilidade Gerencial, também discute a importância do capital de giro em sua obra. Em seus escritos, ele explica que a falta de capital de giro pode afetar diretamente a capacidade de uma empresa de cumprir suas obrigações de curto prazo. Horngren (2009) reforça a ideia de que uma empresa deve manter um nível adequado de capital de giro para evitar a necessidade de recorrer a fontes externas de financiamento de curto prazo.

2.1.3 GESTÃO DE CAPITAL DE GIRO

Rech *et al.* (2019) destacam que o objetivo principal da administração do capital de giro é manter o equilíbrio entre cada um de seus componentes e, com isso, o equilíbrio entre o risco de insolvência e a rentabilidade. Além disso, reforça a importância da liquidez para que a empresa possa cumprir suas obrigações financeiras sem comprometer sua operação é enfatizada em diversos estudos (Rech *et al.*, 2019). Por exemplo, Cortes (2015) afirma que a gestão do capital de giro é uma ferramenta chave para administração financeira de uma empresa, servindo como base conceitual e operacional para o acompanhamento dos resultados financeiros e econômicos de uma organização. Por outro lado, a gestão ineficaz do capital de giro pode gerar escassez de recursos, afetando a capacidade da empresa de se manter operacional. Farinelli (2021) observa que decisões inadequadas de capital de giro podem levar a empresa à insolvência.

Segundo Zouain *et al.* (2011), no artigo "Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil", publicado na Revista de Administração Pública, o capital de giro é fundamental para o sucesso das micro e pequenas empresas (MPEs). Os autores destacam que um bom gerenciamento do capital de giro é um fator relevante para o sucesso das MPEs, e o mau gerenciamento desse fator contribui para o alto índice de mortalidade dessas empresas. Além disso, no estudo é apontado que o administrador financeiro deve direcionar sua atenção para o capital de giro, devido à sua importância na sustentabilidade financeira das empresas (Zouain *et al.*, 2011).

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ressalta a importância do capital de giro para empresas de todos os portes e segmentos. De acordo com o professor André Limeira, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em entrevista à Agência BNDES de Notícias, a saúde financeira de um negócio depende, em grande parte, dos valores acumulados para esse fim. O capital de giro é composto fundamentalmente por disponibilidades (caixa, bancos e aplicações de liquidez imediata), aplicações financeiras, contas a receber (clientes) e estoques. Uma gestão inadequada desse capital é frequentemente apontada como causa do insucesso dos negócios.

Santos (2001) afirma que determinadas empresas têm, normalmente, suas vendas distribuídas de modo irregular ao longo do ano, o que caracteriza

um processo sazonal de vendas. Quando o perfil da sazonalidade é previsível (por exemplo, 50% das vendas da empresa concentram-se no último trimestre do ano), o problema da administração do capital de giro é sensivelmente mais simples, desde que a empresa mantenha adequado planejamento financeiro (Santos, 2001).

Segundo Marques (2004), a empresa com um ciclo operacional longo tem maior necessidade de capital de giro e, habitualmente, precisa de maior rentabilidade sobre as vendas para compensar o elevado custo de financiamento do capital de giro. O problema do ciclo operacional longo faz-se sentir quando acontecem mudanças estruturais no mercado da empresa, fazendo com que a maior duração do ciclo, até então um dado normal, transforme-se num empecilho ao desenvolvimento dos negócios (Marques, 2004). Quando isso acontece, a solução exigirá alteração significativa nos processos de produção, operação, comercialização e também no mix de produtos ou serviços (Marques, 2004).

Para mitigar crises financeiras e garantir a sustentabilidade operacional, é fundamental que a empresa mantenha uma reserva financeira voltada à manutenção do capital de giro. Essa prática contribui para a diminuição da exposição a riscos e à falta de liquidez, conforme afirmam Assaf Neto e Silva (2002), que destacam que a gestão eficiente do capital de giro reduz as chances de insolvência empresarial.

Vale destacar que, de acordo com Gitman (2010), a rentabilidade obtida com aplicações financeiras do capital de giro geralmente é inferior àquela obtida pelas operações principais da empresa, o que reforça a importância de investir os recursos financeiros nas atividades operacionais, capazes de gerar retorno mais consistente.

O capital de giro está diretamente relacionado aos ativos circulantes mais líquidos de uma empresa, como caixa, contas a receber e estoques. Esses elementos são fundamentais para a manutenção das operações diárias e são diretamente influenciados pelo volume de vendas. À medida que as vendas aumentam, há uma maior necessidade de capital de giro para financiar o crescimento dos estoques e das contas a receber. Por outro lado, uma redução nas vendas pode diminuir a necessidade desses ativos, impactando o capital de giro disponível (SEBRAE). Para as MPEs, que enfrentam limitações de crédito e gestão, o controle rigoroso sobre esses ativos é essencial.

Segundo Oliveira *et al.* (2015), a má administração do capital de giro pode ser um dos principais fatores de mortalidade precoce desses negócios.

Para que as empresas mantenham sua saúde financeira, é essencial o monitoramento contínuo do capital de giro, já que ele está sujeito a oscilações decorrentes de fatores internos como alterações na política de crédito ou na gestão de estoques e externos, como variações nas taxas de juros e no comportamento do mercado. Segundo FasterCapital (2025), essas mudanças podem comprometer o fluxo de caixa e a capacidade da empresa de cumprir suas obrigações financeiras. Lima e Cruz (2016) destacam que a gestão do capital de giro exige acompanhamento contínuo para adaptar-se às dinâmicas econômicas e garantir a estabilidade financeira da empresa.

2.2 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

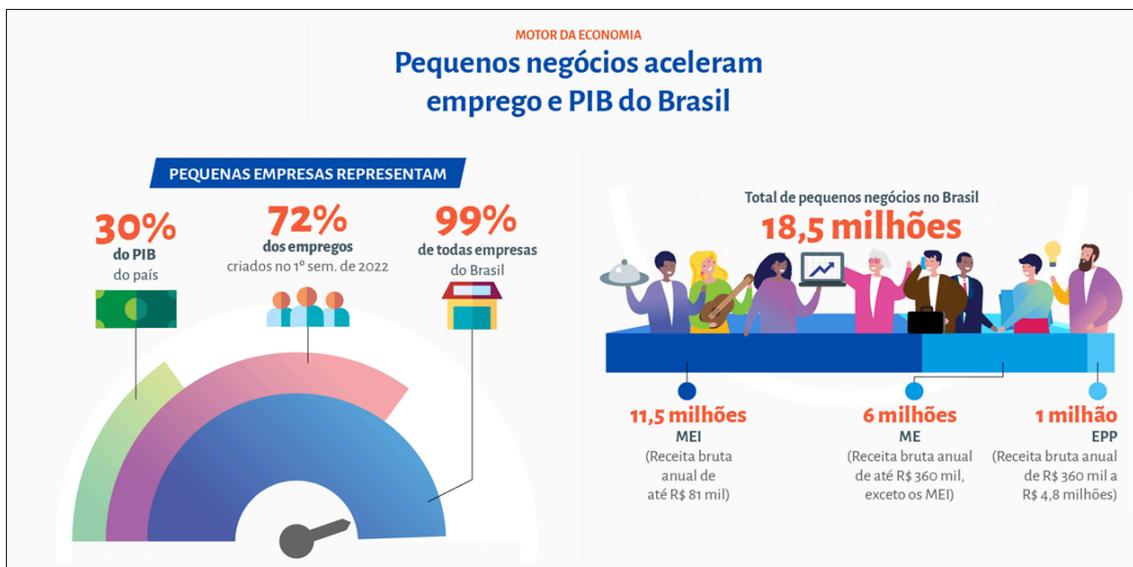
As micro e pequenas empresas (MPEs) desempenham um papel estratégico na estrutura econômica do Brasil, sendo essenciais para a geração de empregos, o incentivo à inovação, a promoção do empreendedorismo e o fortalecimento do desenvolvimento regional. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2023), com base em dados da Receita Federal, apenas no primeiro semestre de 2023, foram registrados cerca de 868,8 mil novos negócios de pequeno porte, englobando Microempresas (ME), Empresas de Pequeno Porte (EPP) e Microempreendedores Individuais (MEI). Tal volume significativo de formalizações evidencia a importância desse segmento para a economia nacional.

De acordo com dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o Brasil criou 1.483.598 empregos formais em 2023. O setor de serviços liderou a geração de empregos, com 886.256 postos, seguido pelo comércio (276.528), construção civil (158.940), indústria (127.145) e agropecuária (34.762).

O impacto das MPEs na economia brasileira também pode ser medido por sua abrangência: atualmente, há cerca de 22 milhões de pequenos negócios em operação no país, os quais respondem por 98% do total de empresas, empregam 55% da força de trabalho formal e contribuem com quase 30% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (Sebrae, 2023). Para o presidente do Sebrae, Carlos Melles, os dados deixam evidente a relevância

desse setor: “Não é exagero afirmar que as micro e pequenas empresas voltaram a ser a locomotiva que puxa a economia brasileira” (Sebrae, 2023, n. p.). Essa representatividade pode ser vista na Figura 1.

Figura 1 - Motor da economia brasileira

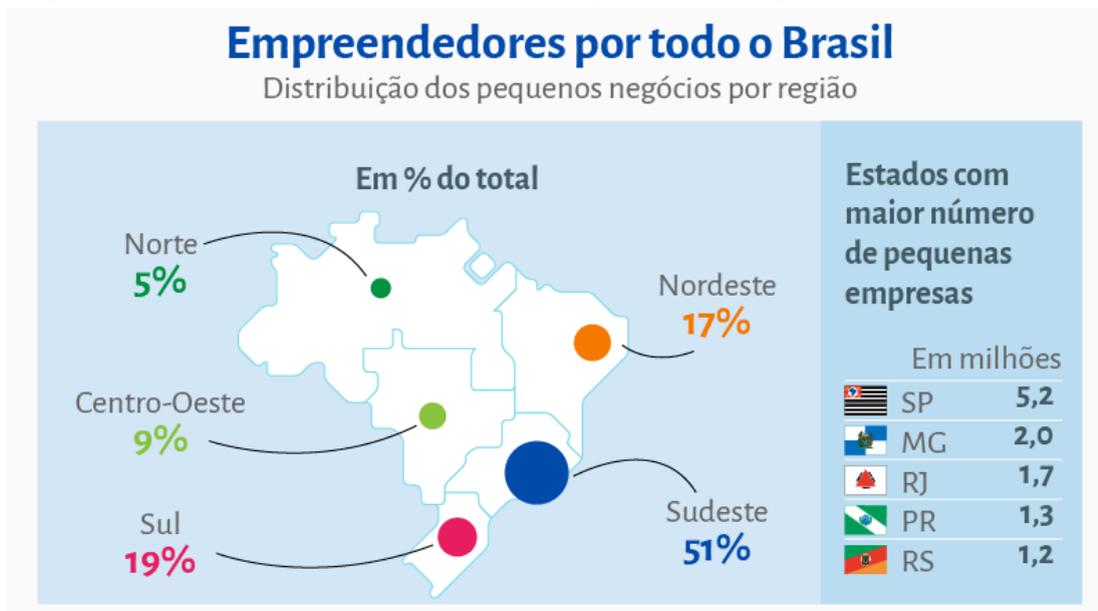


Fonte: Sebrae (2023).

Dentro do vasto universo dos pequenos negócios brasileiros, destaca-se a expressiva participação dos Microempreendedores Individuais (MEIs), categoria composta por profissionais autônomos que formalizam suas atividades e atuam com faturamento anual de até R\$81 mil. Segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2023), o país contabiliza aproximadamente 11,5 milhões de MEIs, evidenciando a consolidação dessa modalidade como porta de entrada para o empreendedorismo.

Ainda segundo o Sebrae (2023), as microempresas, que apresentam receita bruta anual de até R\$360 mil, somam cerca de 6 milhões de registros ativos no Brasil. Já as empresas de pequeno porte, cujo faturamento varia entre R\$360 mil e R\$4,8 milhões ao ano, representam aproximadamente 1 milhão de CNPJs. Esses números reforçam o papel central dos pequenos negócios na formalização da economia, na geração de renda e no incentivo à inclusão produtiva.

Na Figura 2 ilustra-se a distribuição dos pequenos negócios por região do país.

Figura 2 - Distribuição dos pequenos negócios por região

Fonte: Sebrae (2023).

A distribuição geográfica das micro e pequenas empresas no Brasil revela uma concentração significativa na região Sudeste, que abriga 51% do total de registros ativos no país. Em seguida, destacam-se as regiões Sul, com 19%, e Nordeste, com 17%. As regiões Centro-Oeste e Norte apresentam menor participação relativa, com 9% e 5%, respectivamente (Sebrae, 2023).

No que diz respeito à natureza das atividades econômicas desempenhadas por essas empresas, o setor de Serviços se mantém como o mais representativo, reunindo aproximadamente 9,1 milhões de registros formais. Em segundo lugar, encontra-se o setor do Comércio, com cerca de 6,1 milhões de pequenos negócios, seguido pela Indústria, que contabiliza aproximadamente 1,8 milhão de empresas ativas (Sebrae, 2023). Esses dados reforçam a predominância do setor de Serviços entre os pequenos negócios no Brasil, conforme ilustrado na Figura 3

Figura 3 - Setor de serviço é o mais aquecido. Maioria dos negócios está no segmento



Fonte: Sebrae (2023).

Apesar dos desafios impostos pela pandemia de Covid-19 nos últimos anos, os indicadores do setor de MPEs permanecem positivos. Muitos empreendedores, diante da necessidade de manter suas atividades, buscaram novas alternativas de financiamento. Segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2022), até setembro daquele ano, o sistema bancário já havia realizado mais de 390 mil operações de crédito voltadas aos pequenos negócios.

Entre os principais instrumentos de apoio financeiro destaca-se o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), que, em sua nova fase iniciada em julho de 2022, passou a incluir os Microempreendedores Individuais (MEIs), viabilizando a liberação de R\$

27,8 bilhões em crédito. Adicionalmente, o Fundo de Aval às Micro e Pequenas Empresas (Fampe), gerido pelo Sebrae, garantiu R\$ 2,9 bilhões em operações, enquanto o Programa Emergencial de Acesso a Crédito (PEAC) disponibilizou R\$ 6,8 bilhões em financiamentos voltados ao segmento (Sebrae, 2022).

Na avaliação do presidente do Sebrae, Carlos Melles, o fortalecimento do ambiente de crédito, aliado à qualificação contínua dos empreendedores, constitui um caminho estratégico para impulsionar o desenvolvimento econômico nacional. Segundo ele, “as micro e pequenas empresas já demonstraram sua capacidade de reagir rapidamente quando contam com o apoio de políticas públicas eficazes — gerando empregos, ampliando a renda e contribuindo significativamente para a arrecadação de tributos” (Sebrae, 2022, n. p.).

Melles também enfatiza a necessidade de avanços no acesso ao crédito: “É fundamental ampliar a oferta de financiamentos voltados aos pequenos negócios, com redução de custos, menos burocracia e exigências mais acessíveis, além da simplificação da documentação necessária” (Sebrae, 2022, n. p.).

Com o objetivo de sustentar o desempenho desse setor, o Sebrae mantém uma ampla rede de suporte, voltada à promoção da inovação, qualificação profissional e orientação técnica. Atualmente, a instituição oferece 280 capacitações on-line e gratuitas, além de manter 2.840 pontos de atendimento distribuídos em todo o território nacional (Sebrae, 2022). No mesmo ano, ao completar 50 anos de atuação, o Sebrae reafirmou seu compromisso de estar ao lado dos empreendedores brasileiros, fomentando o crescimento sustentável dos pequenos negócios (Sebrae, 2022).

2.3 ESTUDO CORRELATOS

A gestão do capital de giro representa uma dimensão estratégica para a sobrevivência e o crescimento das MPEs, sobretudo diante das limitações estruturais e operacionais características desse segmento. A seguir, apresentam-se estudos correlatos que abordam a temática, com foco em seus objetivos, métodos e principais achados, destacando a importância de análises comparativas entre setores.

O estudo realizado por Silva, Galvão e Lemos (2020), publicado na Revista de Administração Contemporânea, teve como objetivo comparar as

práticas de gestão do capital de giro entre empresas brasileiras e britânicas. Para isso, os autores aplicaram uma pesquisa quantitativa, por meio de um *survey* com 447 MPEs situadas nos estados de Minas Gerais e de São Paulo, confrontando os dados com um estudo equivalente conduzido no Reino Unido. Como resultados, o estudo apontou que empresas brasileiras revisam com maior frequência suas rotinas de gestão de capital de giro, porém tendem a oferecer menos crédito aos seus clientes em comparação com as britânicas. O estudo também revelou que o estilo de gestão varia conforme o porte, a idade e a lucratividade da empresa, sendo a adoção de práticas conservadoras mais comum entre as empresas menores e com menor rentabilidade. Os autores concluíram que a profissionalização da gestão financeira é essencial para a sustentabilidade das MPEs, recomendando que políticas públicas sejam direcionadas à capacitação dos gestores quanto às boas práticas financeiras (Silva; Galvão; Lemos, 2020).

Em nível setorial, Barros e Gonçalves (2020) conduziram um estudo com o objetivo de investigar as práticas de gestão do capital de giro em micro empresas do setor moveleiro no município de Divinópolis/MG. Os autores adotaram uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas realizadas com gestores de empresas locais. O estudo revelou a predominância de uma gestão financeira informal, marcada pela ausência de controle sobre o fluxo de caixa, desconhecimento dos custos operacionais, falta de controle de estoque e mistura entre as finanças pessoais e empresariais. Como resultado, observou-se que essas empresas enfrentam dificuldades recorrentes para manter sua liquidez e arcar com compromissos de curto prazo. Os autores concluíram que o desconhecimento técnico em finanças é um dos principais entraves para a profissionalização da gestão e sugerem que instituições de apoio, como o Sebrae, intensifiquem a oferta de capacitações voltadas à gestão financeira (Barros; Gonçalves, 2020).

Telles (2014), por sua vez, realizou um estudo de caso com o objetivo de analisar a gestão do capital de giro em uma microempresa do setor varejista de materiais de construção. O autor utilizou como método a análise documental e entrevistas com o proprietário da empresa, coletando informações sobre as práticas financeiras adotadas. O estudo revelou que a empresa não dispunha de ferramentas básicas de gestão, como planejamento financeiro, controle sistemático das contas a pagar e a receber e monitoramento do estoque. Além

disso, não havia nenhum tipo de projeção de fluxo de caixa ou avaliação periódica dos resultados financeiros. O autor concluiu que a ausência desses controles compromete a capacidade da empresa de tomar decisões estratégicas e representa um risco para sua continuidade no mercado (Telles, 2014).

Diante da revisão apresentada, observa-se que o capital de giro é um elemento central para a estabilidade e o crescimento das empresas, especialmente no contexto das micro e pequenas empresas (MPEs), que enfrentam maiores desafios relacionados à gestão financeira. A literatura destaca que uma administração eficiente dos recursos de curto prazo é determinante para garantir liquidez, honrar compromissos e sustentar as operações no dia a dia. Além disso, os dados evidenciam a relevância das MPEs para a economia nacional, tanto em geração de empregos quanto em formalização de negócios, o que reforça a urgência de políticas públicas voltadas à capacitação gerencial e ao acesso ao crédito. Por fim, os estudos correlatos analisados demonstram que, embora haja avanços, ainda é comum a existência de fragilidades na gestão do capital de giro entre os pequenos negócios, revelando a importância de iniciativas educativas e de apoio técnico, como as oferecidas por instituições como o Sebrae, para fortalecer a profissionalização e a sustentabilidade financeira desse segmento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O propósito desta seção é descrever os métodos que foram utilizados na realização do presente trabalho. Para isso, foi subdividida em duas sessões, sendo: características da pesquisa e a coleta e análise de dados. Na primeira, foram descritos os atributos gerais da pesquisa e os sujeitos entrevistados. Na segunda, foi explicada a origem dos dados e a forma de interpretação dos achados.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e descritiva. A pesquisa qualitativa, conforme Prodanov e Freitas (2013), caracteriza-se pela não utilização de métodos estatísticos, sendo o ambiente natural a principal fonte de coleta de dados e o pesquisador o instrumento central do processo investigativo, analisando os dados de forma indutiva. Nessa perspectiva, os dados obtidos tendem a ser descritivos, procurando captar, com riqueza de detalhes, os elementos que compõem a realidade estudada (Prodanov; Freitas, 2013). Já quanto ao aspecto descritivo, Gil (2002) aponta que esse tipo de estudo tem como objetivo principal a descrição minuciosa das características de uma determinada população, fenômeno ou situação, podendo também estabelecer possíveis relações entre variáveis. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2010) complementam ao afirmar que a pesquisa descritiva permite ao pesquisador observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos, sem interferir neles, mas buscando compreendê-los em seu contexto.

Como sujeitos para a pesquisa, foram entrevistados dois gestores, sócio-proprietários de empresas estabelecidas no município de Varginha-MG, ambas micro e pequenas empresas. A cidade escolhida levou em consideração o fácil acesso a esses gestores, uma vez que a pesquisadora reside e estuda no município. O setor analisado foi o de assistência técnica para aparelhos eletrônicos, selecionado devido a proximidade da pesquisadora com esta área.

O primeiro entrevistado, aqui denominado E1, é do sexo masculino, tem 40 anos, possui ensino médio completo e há 14 anos é proprietário de uma loja de assistência técnica e artigos em geral para aparelhos celular. Por fim, a entrevistada E2, é do sexo feminino, tem 40 anos, pós-graduada em Gestão Pública Municipal, trabalha há 13 anos no setor administrativo de um hospital e

é sócia de uma assistência técnica de celulares e artigos em geral para aparelhos celular.

3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi conduzida por meio de uma entrevista com roteiro semiestruturado. Segundo Glesne (2015), a entrevista com roteiro semiestruturado é uma técnica de coleta de dados qualitativa que combina perguntas previamente elaboradas com a flexibilidade de explorar tópicos emergentes durante a interação entre entrevistador e entrevistado. Essa abordagem permite que o pesquisador aprofunde aspectos relevantes do estudo, adaptando-se às respostas fornecidas pelos participantes (Glesne, 2015). A elaboração das perguntas deve ser clara e objetiva, evitando direcionar as respostas, e o entrevistador deve estar preparado para ajustar o roteiro conforme o desenvolvimento da entrevista.

A abordagem foi operacionalizada por meio de um roteiro previamente estabelecido (Apêndice A) e as perguntas foram divididas em dois grupos: primeiro, as características da empresa e, segundo, a gestão do capital de giro. As questões foram elaboradas seguindo como referência os estudos da aluna Maria Julia Corchetti Piancastelli Bertoli do curso de Bacharel em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas (2024) e os autores que abordam a importância da gestão do capital de giro (Assaf Neto; Silva, 2002; Rech et al., 2019; Zouain et al., 2011).

Os entrevistados assentiram participar voluntariamente da pesquisa e suas identidades serão mantidas em sigilo. As entrevistas, a partir de autorização prévia, foram gravadas para posterior transcrição e análise. O indivíduo E1 foi entrevistado no dia 19/05/2025 e E2 foi entrevistada em 17/05/2025. Para fins dos resultados, cada um dos entrevistados recebeu uma identificação, como E1 e E2. A análise se deu a partir da descrição qualitativa do conteúdo das entrevistas.

Na próxima seção, apresenta-se os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS

Neste capítulo é apresentada a descrição dos resultados da pesquisa qualitativa realizada junto aos gestores de empresas enquadradas nas micro pequenas empresas. A entrevista dividiu-se em duas partes: as características das empresas e a gestão do capital de giro. São essas as duas partes que compõem esta seção.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS ESTUDADAS

A caracterização das empresas estudadas é fundamental para contextualizar a descrição dos dados obtidos por meio das entrevistas e para auxiliar a compreender os diferentes perfis de gestão presentes no segmento de assistência técnica de celulares. Nesta parte foi abordado o que motivou a abertura das empresas, o tempo de atuação no mercado, o número de funcionários e a formação do gestor responsável pela tomada de decisão nas empresas.

A Empresa 1 (E1) possui 14 anos de atuação no mercado e surgiu a partir da experiência prévia do proprietário com a venda de aparelhos celulares. O desejo de ampliar a sua base de clientes, bem como de conquistar independência profissional, foi a principal motivação para a abertura do negócio. A empresa já contou com dois funcionários, mas, atualmente é conduzida exclusivamente pelo próprio empresário. A gestão do negócio é exercida por ele, que possui ensino médio completo. A longa trajetória no mercado evidencia a capacidade de adaptação da empresa diante dos desafios econômicos e estruturais enfrentados ao longo dos anos, embora o gestor admite que aspectos como a administração financeira e o controle gerencial só começaram a ser estruturados recentemente.

Já a Empresa 2 (E2) é uma microempresa recém-criada (ainda em 2025), com quatro meses de funcionamento, também atuando na área de assistência técnica de celulares. A abertura do negócio foi motivada pelo desejo de autonomia empresarial e pela aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica da proprietária, que é graduada em Administração e pós-graduada em Gestão Pública Municipal. A empresa conta, atualmente, com um funcionário, número que permanece constante desde o início das atividades. A entrevistada E2 demonstra preocupação com o planejamento estratégico e adota práticas gerenciais mais estruturadas desde

o início das operações, o que pode ser atribuído à sua formação na área de gestão.

Ambas as empresas se enquadram como micro empresas, possuindo estruturas organizacionais enxutas e atuando de forma independente. No entanto, é possível observar diferenças marcantes no que diz respeito à experiência no mercado e ao grau de formalização dos processos internos. Enquanto E1 possui um conhecimento empírico consolidado ao longo do tempo, mas apresenta limitações em relação ao controle financeiro e à organização administrativa, E2, apesar da curta trajetória, demonstra um perfil gerencial mais técnico e voltado à profissionalização da gestão desde o início do negócio.

Essa distinção entre os perfis dos entrevistados permite uma análise mais ampla sobre a gestão do capital de giro em diferentes estágios de maturidade empresarial, revelando como a formação do gestor, o tempo de mercado e a estrutura da empresa influenciam diretamente nas decisões financeiras e operacionais adotadas.

4.2 GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS ESTUDADAS

A gestão do capital de giro é um dos elementos centrais para a sustentabilidade e o funcionamento saudável das micro e pequenas empresas, uma vez que a falta da gestão adequada do capital de giro é apontada, muitas vezes, como a causa do insucesso dos negócios (Limeira, 2021, *apud* BNDES, 2021). Conforme observado nas entrevistas realizadas com os gestores E1 e E2, é possível identificar diferentes estágios de maturidade no controle financeiro e no entendimento conceitual desse recurso vital para as operações empresariais. Nesta seção foram abordados:

- O entendimento do termo “Capital de Giro”;
- O controle sobre o fluxo de caixa;
- O controle sistemático das contas a pagar e a receber;
- A separação entre as finanças pessoais e as finanças empresariais;
- O financiamento do capital de giro;
- Desafios enfrentados na gestão do capital de giro;
- Estratégias ou boas práticas adotadas;
- Apoio considerado importante para a gestão do capital de giro;
- Conselhos sobre a importância do capital de giro.

Para o E1, o capital de giro foi definido de forma prática como o valor necessário para a compra de produtos destinados à revenda ou ao uso na prestação de serviços. Essa visão, embora limitada em termos conceituais,

evidencia a percepção empírica do gestor, que associa o capital de giro diretamente à reposição de estoque. Vale lembrar que capital de giro, além do estoque, contempla os recursos aplicados nas demais contas operacionais da empresa, como contas a receber, disponibilidades e passivos de curto prazo, sendo essencial para manter a liquidez e a continuidade das atividades (Assaf Neto, 2012).

O empresário E1 relatou que, até poucos meses antes da entrevista, não realizava nenhum tipo de controle de fluxo de caixa, o que dificultava o entendimento da real situação financeira da empresa. A partir da adoção de um sistema de controle mais simples, o gestor passou a ter maior clareza sobre o faturamento. Esse controle consiste em registrar diariamente todas as entradas e saídas de recursos, permitindo o acompanhamento do saldo disponível e a previsão de compromissos futuros, o que é essencial para a tomada de decisões no curto prazo (Sebrae, 2018).

Apesar do avanço, a empresa ainda não possui um controle sistemático das contas a pagar e a receber, e, apenas recentemente, iniciou a separação entre as finanças pessoais e empresariais. Isso demonstra um estágio de gestão financeira ainda informal, característico de muitos microempreendedores que, por acumularem funções administrativas e operacionais, acabam negligenciando práticas básicas de controle financeiro (Dolabela, 2008).

Quando questionado sobre dificuldades financeiras, E1 afirmou já ter enfrentado situações críticas por falta de capital de giro, sendo obrigado a vender bens pessoais para reerguer o negócio. Ele identifica como principais desafios na gestão do capital de giro as despesas pessoais misturadas com as da empresa, a baixa movimentação de vendas e as dificuldades com encargos governamentais. Tais apontamentos se aproximam àquilo encontrado no estudo de Oliveira e Silva (2017), que destacam a falta de planejamento financeiro, a mistura entre finanças pessoais e empresariais e a elevada carga tributária como fatores recorrentes que comprometem o capital de giro das micro e pequenas empresas.

Como boas práticas que têm surtido efeito, E1 cita o uso de sistemas básicos de controle de caixa e de estoque. Por fim, destaca que um dos principais erros cometidos foi a falta de administração, reconhecendo que a má gestão foi determinante para os problemas enfrentados.

A entrevistada E2 demonstrou uma compreensão mais técnica e estruturada do conceito de capital de giro. Ela o definiu como a “saúde financeira da empresa”, sendo o montante necessário para a manutenção das atividades operacionais, como pagamento de aluguel, energia, água, internet, salários, entre outros custos fixos e variáveis. Assaf Neto (2012), que define o capital de giro como o volume de recursos financeiros necessários para sustentar a continuidade das operações da empresa, garantindo o cumprimento de suas obrigações de curto prazo e o equilíbrio entre ativos e passivos circulantes.

Desde a abertura da empresa, E2 realiza controle diário do fluxo de caixa e mantém planilhas atualizadas das contas a pagar e a receber, separando integralmente as finanças pessoais das empresariais, uma prática essencial para a transparência e organização da gestão financeira conforme destaca o Sebrae (2018), ao afirmar que a separação entre finanças pessoais e empresariais é uma das primeiras atitudes que o empreendedor deve adotar para garantir um controle financeiro eficiente e tomada de decisão consciente.

A empresária E2 relatou que, até o momento de realização da pesquisa, não enfrentou dificuldades relacionadas à falta de capital de giro, o que pode ser atribuído ao planejamento prévio e à adoção de boas práticas desde o início da operação. Outro aspecto a ser considerado, é a recém abertura do negócio que tem apenas quatro meses de existência.

Entre os principais desafios, E2 destaca a manutenção de um planejamento financeiro regular, especialmente no que diz respeito ao controle de estoque e fluxo de caixa, reforçando a necessidade de atenção constante para não comprometer a saúde financeira da empresa. Esse comportamento é considerado vital para a sobrevivência de um negócio, conforme comenta o autor Gitman (2014), que ressalta que o planejamento financeiro contínuo e o controle rigoroso dos recursos são fundamentais para garantir a liquidez e a longevidade das empresas, especialmente as de pequeno porte.

Dentre as estratégias utilizadas e que geraram bons resultados, E2 mencionou:

- O controle fidedigno e contínuo do fluxo de caixa;
- A realização de compras planejadas apenas quando o estoque atinge níveis críticos, evitando acúmulo de mercadorias paradas;
- A organização e a apresentação adequada dos produtos na loja;
- A manutenção da qualidade dos produtos e serviços;

- Atendimento e acompanhamento pós-venda.

Diferentemente de E1, a empresária E2 utiliza apoio externo por meio de cursos e capacitações oferecidos pelo Sebrae, reconhecendo a importância dessas ferramentas para a melhoria da gestão do capital de giro. O Sebrae, como visto, é uma instituição fundamental no fomento e apoio às micro e pequenas empresas no Brasil, oferecendo orientação, capacitação e consultoria para o desenvolvimento sustentável dos negócios (SEBRAE, 2020).

Para outros microempreendedores, a E2 aconselha investir na capacitação do gestor e entender que o capital de giro não deve ser confundido com lucro, sendo um recurso exclusivo para o funcionamento contínuo da empresa. Esse aconselhamento se assemelha àquilo que o autor recomenda quando destaca que o capital de giro deve ser utilizado exclusivamente para manter a operação da empresa, e que a capacitação do empreendedor é fundamental para a gestão eficaz dos recursos financeiros (Gitman, 2014).

A comparação entre as duas realidades evidencia a influência direta da formação do gestor, do nível de organização interna e do tempo de atuação no mercado sobre a forma como o capital de giro é compreendido, utilizado e gerenciado. Enquanto a experiência de E1 revela uma gestão com forte base empírica e baixa formalização, a de E2 mostra uma abordagem estruturada e orientada por boas práticas gerenciais, o que contribui para maior controle e sustentabilidade do negócio conforme apontam Dolabela (2008) e Gitman (2014), que destacam a importância da capacitação, formalização dos processos financeiros e adoção de práticas gerenciais para o sucesso das micro e pequenas empresas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal compreender a gestão do capital de giro em micro e pequenas empresas. O setor escolhido foi o de assistência técnica para aparelhos eletrônicos, tendo sido realizada uma análise comparativa entre dois empreendimentos localizados na cidade de Varginha/MG. A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas com roteiros semiestruturados com os gestores responsáveis pelas empresas, possibilitando uma abordagem qualitativa e descritiva sobre o tema.

Os resultados encontrados demonstraram que a forma como o capital de giro é compreendido e administrado está diretamente relacionada ao nível de instrução do gestor, ao tempo de atuação da empresa e ao uso de ferramentas de controle financeiro. O Empresário 1 (E1) apresentou uma gestão com base empírica e informal, marcada pela ausência de controles estruturados em grande parte de sua trajetória. Já a Empresária 2 (E2) revelou uma gestão mais técnica e organizada, com práticas voltadas à saúde financeira do negócio desde a sua fundação, refletindo diretamente sua formação acadêmica em Administração e o apoio institucional do Sebrae.

Conclui-se que a eficiência na gestão do capital de giro não depende unicamente do tempo de mercado ou do porte da empresa, mas está fortemente condicionada à qualificação do gestor e ao uso de práticas de planejamento, controle e organização financeira. O estudo reforça a importância da capacitação contínua e do acesso a orientações técnicas para o fortalecimento da sustentabilidade dos pequenos negócios.

Entretanto, este estudo apresenta limitações. A principal delas está relacionada ao tamanho da amostra, composta por apenas dois entrevistados, o que impossibilita a generalização dos resultados para o universo das micro e pequenas empresas. Além disso, por se tratar de uma abordagem qualitativa, as análises se basearam na percepção dos gestores, podendo haver vieses subjetivos.

Como sugestões para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar a amostra para incluir um número maior de empresas, bem como diversificar os setores analisados, permitindo a construção de um panorama mais abrangente sobre a gestão do capital de giro em diferentes contextos. Também seria relevante aplicar instrumentos quantitativos, como questionários estruturados,

para complementar os dados qualitativos e permitir comparações estatísticas mais precisas. Por fim, estudos longitudinais poderiam acompanhar a evolução das práticas de gestão do capital de giro ao longo do tempo, gerando contribuições ainda mais robustas para a literatura e para os empreendedores.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Dia da micro e pequena empresa evidencia a importância dos empreendedores para o Brasil**. Brasília: Sebrae, 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/dia-da-micro-e-pequena-empresa-evidencia-a-importancia-dos-empresarios-para-o-brasil/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. Atlas, 2002.
- ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012
- BARROS, L. B.; GONÇALVES, R. T. Gestão de capital de giro: um estudo nas microempresas moveleiras de Divinópolis/MG. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e926986393, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6393>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BNDES – BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Capital de giro: por que é essencial para sua empresa?** 2023. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/conhecimento/noticias/noticia/capital-giro-entrevista>. Acesso em: 15 maio 2025.
- BNDES – BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Capital de giro: uma entrevista com o professor André Limeira (FGV)**. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/conhecimento/noticias/noticia/capital-giro-entrevista>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. **Administração financeira**. 10. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS DE PARAÓPEBA. **Pequenos negócios impactam metade dos brasileiros**. Paraopeba: CDL, 2024. Disponível em: <https://paraopeba.cdls.org.br/pequenos-negocios-impactam-metade-dos-brasileiros/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- DOLABELA, F. **O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa**. 22. ed. São Paulo: Cultura, 2008.
- DAMODARAN, A. **Valuation: the art and science of corporate investment decisions**. 2. ed. New York: Wiley, 2012.
- FASTER CAPITAL. **Variação do capital de giro: como analisar e explicar as mudanças no seu capital de giro**. Disponível em: <https://fastercapital.com/pt/contente/Variacao-do-capital-de-giro--como-analisar-e-explicar-as-mudancas-no-seu-capital-de-giro.html>. Acesso em: 26 maio 2025.

FARINELLI, F.; GONÇALVES, L.; SANTOS, G. Fatores que influenciam na gestão do capital de giro das micro e pequenas empresas. **Revista de Contabilidade, Economia e Gestão**, v. 19, n. 1, p. 35–52, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cest/a/9bjQVmGSZ3vw8CZMPJD3PqP/>. Acesso em: 28 maio 2025.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2014.

HORNGREN, C. T. **Contabilidade gerencial**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

IUDÍCIBUS, S. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2010.

KIYOSAKI, R. T. **Pai rico, pai pobre**. Rio de Janeiro: BestSeller, 1997.

LIMA, M. S.; CRUZ, A. R. B. Capital de giro e desempenho financeiro: um estudo em empresas brasileiras de capital aberto. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 13, n. 1, p. 30–40, 2016.

LIMEIRA, A. **A importância da gestão de capital de giro para o sucesso do negócio**. Entrevista concedida à Agência BNDES de Notícias. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/conhecimento/noticias/noticia/capital-giro-entrevista>. Acesso em: 26 maio 2025.

LIMEIRA, A. **Gestão de capital de giro**. Entrevista concedida à Agência BNDES de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/blogdodesenvolvimento/detalhe/Gestao-de-capital-de-giro>. Acesso em: 26 maio 2025.

MELLO, L. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 2019.

MOYER, J. A. **Contabilidade de custos e análise financeira**. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

OLIVEIRA, R. J.; LIMA, F. G.; SANTOS, A. C. Gestão de capital de giro em micro e pequenas empresas: um estudo nas empresas comerciais do setor de confecções de Minas Gerais. **Revista de Administração da UFSM**, v. 8, n. 4, p. 623–640, 2015.

OLIVEIRA, R. J.; LIMA, F. G.; SANTOS, A. C. Gestão de capital de giro em micro e pequenas empresas: um estudo nas empresas comerciais do setor de confecções de Minas Gerais. **Revista de Contabilidade e Controladoria**, v. 16, n. 38, p. 150–172, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade/article/view/2175-8069.2019v16n38p150>. Acesso em: 28 maio 2025.

OLIVEIRA, Maria Aparecida; SILVA, José Roberto da. *Desafios financeiros enfrentados por micro e pequenas empresas: um estudo em empreendimentos do setor de comércio varejista*. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 9, n. 3, p. 45-60, 2017.

ROSS, S.; WESTERFIELD, R.; JAFFE, J. **Fundamentos de administração financeira**. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SEBRAE. **Capital de giro**: conceito e importância para seu negócio. [S. l.]: Sebrae Minas, [2024?]. Disponível em: <https://sebraemg.com.br/capital-giro-conceito-importancia-para-seu-negocio/>. Acesso em: 28 maio 2025.

SEBRAE. **Impacto das micro e pequenas empresas na economia brasileira**. 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>.

SEBRAE. **Micro e pequenas empresas respondem por sete em cada dez empregos gerados no país em 2023**. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2023. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 7 maio 2025.

SEBRAE. **Micro e pequenas empresas voltam a puxar a economia brasileira com geração de empregos**. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2023. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 7 maio 2025.

SEBRAE. **Panorama dos pequenos negócios**. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2023. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 8 maio 2025.

SEBRAE. **Pesquisa sobre falências de microempresas e pequenas empresas no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>.

SEBRAE. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Fluxo de caixa: controle e planejamento financeiro para pequenos negócios**. Brasília: SEBRAE, 2018. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SEBRAE. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Relatório anual de atividades**. Brasília: SEBRAE, 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SEBRAE. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Controles financeiros: orientações para o controle eficaz das finanças do seu negócio**. Brasília: SEBRAE, 2018. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SILVA, R. F.; GALVÃO, T. C. S.; LEMOS, C. L. C. Gestão de capital de giro: um estudo comparativo entre práticas de empresas brasileiras e britânicas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 24, n. 5, p. 487–502, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/fkN67ykKWJF97c6ByLCkSvJ>. Acesso em: 8 maio 2025.

TELLES, J. R. **Gestão do capital de giro**: estudo aplicado a uma microempresa varejista de materiais de construção. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/96952>. Acesso em: 8 maio 2025.

ZOUAIN, D. M.; PLONSKI, G. A.; PEREIRA, E. G. Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 3, p. 695–720, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000300013>. Acesso em: 28 maio 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

GRUPO I - CARACTERÍSTICAS DA EMPRESA

- 1) O que motivou a abertura da empresa?
- 2) Há quanto tempo a empresa está no mercado?
- 3) Quantos funcionários a empresa possui atualmente? Esse número já foi maior no passado?
- 4) Qual a formação do gestor responsável pela tomada de decisão da empresa?

GRUPO II - GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO

- 1) O que você entende pelo termo “Capital de Giro”? Como definiria?
- 2) A empresa possui controle sobre o fluxo de caixa? Se sim, com que frequência esse controle é feito? Se não, por quê?
- 3) A empresa possui controle sistemático das contas a pagar e a receber?
- 4) A empresa separa as finanças pessoais das finanças empresariais?
- 5) A empresa possui capital de giro próprio suficiente para cobrir suas operações?
- 6) Em algum momento a empresa teve dificuldades por falta de capital de giro? Como foi superada essa situação?
- 7) Quais são os principais desafios enfrentados na gestão do capital de giro?
- 8) Quais estratégias ou boas práticas você adotou e que deram certo?
- 9) Que tipo de apoio (governamental, institucional, técnico) você considera importante para a gestão do capital de giro? Você utiliza algum desses?
- 10) Quais conselhos você daria a outros micro e pequenos empresários sobre a importância do capital de giro?
- 11) Há mais alguma informação ou experiência que gostaria de compartilhar sobre o tema?